

Quarteto de Cordas de Matosinhos

14 Jun 2022
19:30 Sala 2

Wolfgang Amadeus Mozart

Quarteto de cordas n.º 13, em Ré menor, KV 173

(1773; c. 16min)

1. Allegro ma molto moderato
2. Andantino grazioso
3. Menuetto
4. Allegro

Telmo Marques

Ilhas Afortunadas, para quarteto de cordas (2016; c. 11min)

1. Mare nostrum
2. Baile da meia volta (Porto Santo — Madeira)
3. Conde da Alemanha (Terceira — Açores)
4. Charamba (Terceira — Açores)

Dmitri Chostakovitch

Quarteto de cordas n.º 3, em Fá maior, op. 73

(1946; c. 32min)

1. Allegretto
2. Moderato con moto
3. Allegro non troppo
4. Adagio —
5. Moderato — Adagio

Wolfgang Amadeus Mozart

SALZBURGO, 1756 – VIENA, 1791

Quarteto de cordas n.º 13, em Ré menor, K. 173

W. A. Mozart é considerado um dos representantes máximos do chamado Classicismo Vienense, tendo desenvolvido um estilo bastante pessoal, produto da confluência entre o lirismo da ópera italiana e a tradição instrumental germânica, no qual sobressai a sua beleza melódica, a sua elegância formal, bem como a sua riqueza a nível harmónico e textural. Autor de uma obra vasta e variada, é possível constatar que dominou todos os géneros sobre os quais se debruçou. Após uma infância muito rica em termos formativos — com a absorção *in loco*, em diversos pontos da Europa, de diferentes tendências estilísticas —, seguiu-se um período de cerca de 10 anos passado sobretudo em Salzburgo, ao serviço do novo arcebispo Hieronymus von Colloredo. Numa das viagens que teve ensejo de realizar nesse período, passou alguns meses em Viena,

entre Julho e Setembro de 1773, na expectativa de obter patrocínio por parte da corte imperial, e foi nessa ocasião que compôs os assim designados “Quartetos vienenses” (K. 168-173), série que é encerrada pelo Quarteto de cordas n.º 13, em Ré menor, K. 173. Numa época em que o género se desenvolvia, afirmando-se entre as preferências dos compositores e do público amador, estes seis quartetos, que apenas seriam publicados postumamente em 1801, representam um progresso significativo na abordagem do próprio Mozart, nomeadamente quando comparados com os “Quartetos milaneses” (K. 155-160), compostos alguns meses antes, absorvendo muitos dos elementos dos Quartetos op. 9 e op. 17 de Joseph Haydn, recentemente publicados.

O primeiro andamento foi concebido como uma pequena forma sonata, iniciando-se com a apresentação de um primeiro tema de cariz melancólico, com o qual contrasta ligeiramente um segundo tema algo mais dramático, baseado numa figura de notas repetidas executada em uníssono. Segue-se um “Andante grazioso”, em Ré maior, que contraria a atmosfera anterior ao evocar o espírito de uma elegante e aprazível dança de corte. Trata-se, na verdade, da tipologia da *gavotte*, elaborada aqui à maneira de um despretenhioso rondó. A melancolia e a tonalidade principal de Ré menor regressam com o terceiro andamento, “Menuetto”, mas, como seria de esperar, o Trio central, em Fá maior, introduz uma atmosfera diversa, dominada neste caso por uma figura de tercina. Por fim, o quarto andamento é literalmente uma fuga. Esta está construída em torno de um tema baseado na figura do *passus duriusculus* (uma quarta perfeita descendente, entre a tónica e a dominante, preenchida cromaticamente), fazendo uso de vários dispositivos contrapontísticos.

LUÍS M. SANTOS

Telmo Marques

PORTO, 1963

Ilhas Afortunadas, para quarteto de cordas

Apenas isso. Uma dedicatória meritória aos nossos Açores e Madeira. Uma ligação alusiva a mitologias e lendas em forma de música e com base no folclore tradicional das ilhas Terceira e Porto Santo — aquela, por imposição de serviço militar, esta última, para reposição anual da bioenergia e da vitamina D.

Descritas por poetas como Platão, Plutarco Plínio e Pessoa, imaginadas e vivenciadas por Hesíodo, Fernando de Noronha,

São Brandão, supunha-se da mancha atlântica composta pelos arquipélagos dos Açores, da Madeira, das Canárias e de Cabo Verde — repouso dos deuses, Ilhas dos Abençoados, Jardim do Éden, Atlântida, e finalmente “Afortunadas”.

Fernando Pessoa, numa alegoria sebastianista, escreve-as como o lugar do não-tempo e do não-lugar, onde é no som que mora a voz do sonho e da esperança, para tudo se desvanecer com o despertar:

*São ilhas afortunadas
São terras sem ter lugar,
Onde o Rei mora esperando.
Mas, se vamos despertando
Cala a voz, e há só o mar.*
(Fernando Pessoa)

TELMO MARQUES

Dmitri Chostakovitch

SÃO PETERSBURGO, 1906 – MOSCOVO, 1975

Quarteto de cordas n.º 3, em Fá maior, op. 73

Dmitri Chostakovitch destacou-se como provavelmente o principal sinfonista da história da música do século XX. No catálogo da sua obra, a par das 15 sinfonias, avulta igualmente a sua série de 15 quartetos de cordas. Porém, ao contrário das sinfonias, os seus quartetos não abarcam a totalidade do seu percurso criativo, representando apenas uma parte da sua evolução enquanto compositor. Concebidos ao longo de um período de 36 anos, entre 1938 e 1974, todos datam da sua maturidade. Esta série de 15 quartetos parece obedecer a uma organização tonal peculiar e terá ficado incompleta, visto que o compositor parece ter projectado um conjunto de 24 obras em tonalidades diferentes. A natureza intimista deste meio contribuiu para que o compositor lhe concedesse um carácter mais biográfico do que à sinfonia, e de facto os principais eventos ocorridos na sua vida parecem ter encontrado ressonância nestas obras. Com os seus quartetos, Chostakovitch deu um contributo importante para o aprofundamento das capacidades expressivas deste meio, mesmo não tendo procurado ultrapassar os limites existentes, como fizeram os seus antecessores Beethoven e Bartók.

No Quarteto de cordas n.º 3 em Fá maior, de 1946, Chostakovitch reflecte sobre a sua experiência de guerra. O carácter enigmático da obra sugere a existência de uma mensagem oculta, inaugurando uma tendência que se intensificará nos últimos quartetos. Concebido numa escala quase sinfónica, este é um dos seus quartetos mais longos, incluindo vários dos seus traços distintivos e podendo ser considerado uma das obras mais características do seu período médio. O “Allegretto” inicial abre com um tema inocente. No desenvolvimento há uma fuga dupla que introduz um ambiente mais brusco e o andamento conclui de forma hilariante. O início do “Moderato con moto”, em Mi menor, rompe inesperadamente com o humor anterior: a ingenuidade deu agora lugar à acidez e à amargura, por vezes à agressividade, as quais se acentuarão nos andamentos seguintes. O “Allegro non troppo”, em Sol sustenido menor, é um *scherzo* enérgico e ainda mais violento, que parece escarnecer

do mundo militar. Segue-se um “Adagio” em Dó sustenido menor, um momento elegíaco e profundamente emotivo, por vezes doloroso e desesperado, construído na forma de uma *passacaglia* de grande simplicidade, o que o torna ainda mais eloquente. O acumular da tensão conduz ao “Moderato — Adagio” final, que se inicia escuro e indeciso, tornando-se em seguida mais confiante. Depois de atingir um momento de clímax, em que o baixo da *passacaglia* anterior ressurgiu em cânone, a música silencia gradualmente, tocando o ouvinte com a elegância da sua expressividade.

LUÍS M. SANTOS

Quarteto de Cordas de Matosinhos

Vítor Vieira violino

Juan Maggiorani violino

Jorge Alves viola

Marco Pereira violoncelo

Aclamado como um “caso singular de excelência no panorama musical português” (Diana Ferreira, *Público*, 2010), o Quarteto de Cordas de Matosinhos (QCM) foi criado pela Câmara Municipal de Matosinhos através de um concurso público. Desde 2008 é residente desta cidade, onde desenvolve uma temporada regular de concertos.

Na temporada de 2014/15, o QCM foi escolhido como uma das ECHO Rising Stars, por nomeação da Casa da Música e da Fundação Gulbenkian, realizando uma tournée de 16 concertos em importantes salas de concertos europeias. Apresenta-se também regularmente nos principais palcos do nosso país e colabora com alguns dos mais destacados músicos portugueses, tais como Pedro Burmester, António Rosado, Miguel Borges Coelho, António Saiote, Paulo Gaio Lima e Pedro Carneiro.

Desde a sua criação, o QCM assumiu um forte compromisso com o repertório português para quarteto de cordas, interpretando muitas obras menos conhecidas e abraçando novas obras de compositores contemporâneos: estreou já mais de 20 novas obras. O outro principal objectivo artístico do QCM vem sendo cumprido com a interpretação em Matosinhos do grande repertório para quarteto de cordas: as obras completas de Mozart e Mendelssohn foram já apresentadas, estando em curso as integrais de Haydn, Beethoven e Chostakovitch.

O QCM e os seus membros foram reconhecidos com prémios nos mais importantes concursos musicais nacionais, como o Prémio Jovens Músicos da RDP e o Concurso Internacional de Música de Câmara “Cidade de Alcobça”. Todos os membros estudaram na Academia Nacional Superior de Orquestra e aperfeiçoaram a sua arte em várias escolas de prestígio, incluindo a Escuela Superior de Música Reina Sofía (Madrid), a Northwestern University (Chicago) e o Conservatório de Sion (Suíça). O QCM também realizou formação especializada no Instituto Internacional de Música de Câmara de Madrid, onde estudou com Rainer Schmidt (violinista do Quarteto Hagen), além de trabalhar em masterclasses com membros de grandes quartetos de cordas, como Alban Berg, Lasalle, Emerson, Melos, Vermeer, Kopelman e Talich.